



UNIRIO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CCH – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

SUZANA CAMARINHA SOBRAL DO NASCIMENTO

TECENDO E ENTRETECENDO LEITURAS:
O papel da escola na formação de novos leitores

Rio de Janeiro – RJ

2017

SUZANA CAMARINHA SOBRAL DO NASCIMENTO

TECENDO E ENTRETECENDO LEITURAS:

O papel da escola na formação de novos leitores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a. Dra. Marcela Afonso Fernandez.

Rio de Janeiro – RJ

2017

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

SUZANA CAMARINHA SOBRAL DO NASCIMENTO

Monografia aprovada em __/__/__

Orientadora Prof.^a. Dra. Marcela Afonso Fernandez

Leitora Prof.^a. Dra. Maria Aparecida Silva Ribeiro

Escola de Educação – Departamento de Didática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este Trabalho de Conclusão de
Curso a minha mãe, Solange Camarinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudar a concluir mais essa etapa da minha vida. Tenho certeza que não chegaria onde estou sem o apoio dele.

Sou grata a minha família que sempre me apoiou nas minhas decisões. Principalmente, a minha mãe, Solange Camarinha, que me ouviu em todos os momentos de indecisão com relação a profissão que escolhi.

Também agradeço aos professores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, por me proporcionarem uma visão mais ampla da realidade educacional brasileira. Agradeço de modo especial a minha orientadora, Prof.^a. Dra. Marcela Afonso Fernandez, pela paciência, empenho, dedicação e tempo dispensado na construção desse TCC.

Além disso, agradeço as professoras do Ensino Fundamental que me inspiraram a ser cada vez melhor como profissional, dentre elas Carla Escórcio e Luíza Helena Bertrand. Da mesma forma, sou grata ao Jonathan e a Juliana por terem me proporcionado tantos ensinamentos relacionados a Educação Especial e a vida.

RESUMO

A leitura literária sempre foi um ponto importante a ser discutido pelos educadores brasileiros. O presente trabalho se propõe a compreender como se dá o estímulo a leitura literária nas Escolas Municipais do Rio de Janeiro e qual o papel da sala de leitura nesse processo. Nesse sentido, investiga de que forma os professores desenvolvem a mediação da leitura literária e de que modo os estudantes interagem com os textos literários. Esse trabalho foi realizado com base em textos acadêmicos relacionados ao tema e a partir de um estudo de caso desenvolvido em uma escola pública do município do Rio de Janeiro. Através do estudo de caso, foi ratificado que o papel do professor é fundamental para que os estudantes despertem o gosto pelos textos literários e que, para tanto, as salas de leitura devem estar disponíveis e abertas durante todo o horário escolar. Espero que esse trabalho de conclusão de curso possa estimular mais atividades relacionadas à leitura literária nos ambientes escolares.

Palavras-chave: leitura literária; sala de leitura; mediação literária; atividades literárias.

RESUMEN

La lectura literaria siempre fue un punto importante a ser discutido por los educadores brasileños. El presente trabajo se propone comprender cómo se da el estímulo a la lectura literaria en las Escuelas Municipales de Río de Janeiro y cuál es el papel de la sala de lectura en ese proceso. En ese sentido, investiga de qué forma los profesores desarrollan la mediación de la lectura literaria y de qué modo los estudiantes interactúan con los textos literarios. Este trabajo fue realizado con base en textos académicos relacionados al tema ya partir de un estudio de caso desarrollado en una escuela pública del municipio de Río de Janeiro. A través del estudio de caso, fue ratificado que el papel del profesor es fundamental para que los estudiantes despierten el gusto por los textos literarios y que, para tanto, las salas de lectura deben estar disponibles y abiertas durante todo el horario escolar. Espero que este trabajo de conclusión de curso pueda estimular más actividades relacionadas con la lectura literaria en los ambientes escolares.

Palabras clave: lectura literaria; sala de lectura; mediación literaria; actividades literarias.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 JUSTIFICATIVA.....	9
1.2 OBJETIVOS.....	9
2. REVENDO O QUE JÁ FOI TECIDO: SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA.....	11
2.1 CONTEXTUALIZANDO O QUE FOI ESTUDADO.....	11
2.2 ANALISANDO O QUE FOI ESTUDADO.....	11
2.2.1 SALA DE LEITURA.....	12
2.2.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR – LEITOR.....	15
2.2.3 PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA.....	18
3. DESCOBRINDO NA ESCOLA UM MUNDO A SER ENTRETECIDO.....	21
3.1 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA E OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	21
3.2 ANALISANDO A REALIDADE OBSERVADA.....	21
3.2.1 SALA DE LEITURA.....	22
3.2.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR.....	27
3.2.3 PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIGANDO O TECIDO COM O ENTRETECIDO NAS ESCOLAS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, muito se tem falado sobre a importância da inserção da leitura literária no ambiente escolar. Porém, é preciso pensar na melhor forma de fazer isso em uma sociedade que não possui o hábito de ler.

A introdução de textos literários nas escolas se dá, muitas vezes, de forma distante do estudante. É preocupante ver que até mesmo os textos utilizados durante a alfabetização são muitas vezes desestimulantes e alheios à realidade dos leitores iniciantes.

De forma geral, a leitura literária ocorre em horários e momentos pré-determinados pelo professor. Além disso, na maior parte das instituições ocorre uma ruptura entre a utilização da literatura na educação infantil e no ensino fundamental. Geralmente, na educação infantil a literatura é abordada de forma mais lúdica do que no ensino fundamental. E, por vezes, no primeiro ano do ensino fundamental, essa ludicidade se perde.

Diante dessa constatação, é fundamental mediar a relação do estudante com os livros. Através desse trabalho pretendo responder as seguintes perguntas: como se dá o processo de estímulo à leitura nas escolas públicas? E qual papel as salas de leitura desempenham nesse processo?

Na sociedade atual, é de suma importância que uma pessoa seja capaz de pensar de forma crítica, de desenvolver a empatia e de compreender a si mesma e aos que a cercam. Acredito que a leitura é um dos grandes trunfos para que a futura geração seja melhor do que as anteriores.

Durante a realização desse trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso. Ao longo da pesquisa bibliográfica, foram pesquisados e analisados textos científicos relacionados ao tema. O estudo de caso foi implementado em uma escola municipal localizada em Botafogo, no município do Rio de Janeiro e pertencente a 2ª Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro.

O presente trabalho monográfico está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada a revisão da literatura, tomando por base a pesquisa bibliográfica realizada. O segundo capítulo traz o estudo de caso realizado com base

em um diário de campo elaborado durante estágio realizado em uma escola da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Já o terceiro capítulo, é dedicado a articulação entre a teoria focalizada e a investigação realizada na escola.

1.1 JUSTIFICATIVA

A questão do acesso à leitura literária sempre foi um problema no Brasil, seja pela falta de recursos e políticas públicas adequadas, pela formação inadequada dos professores ou, conseqüentemente, pela falta de interesse dos estudantes-leitores em formação. Ainda assim, acredito que um dos grandes empecilhos ainda é a dificuldade de acessar os livros. Instaurada essa realidade no universo escolar, raramente a mediação literária se iniciará em casa. Sendo assim, a escola é um dos principais ambientes em que se dará essa mediação. No caso do município do Rio de Janeiro, as escolas da rede pública contam com um espaço gerador de leitura valioso: as salas de leitura.

Analisar como se dá a mediação literária nas escolas atualmente é muito importante para que possamos avaliar se as práticas de leitura utilizadas são realmente eficazes e, sobretudo, formam leitores. Precisamos levar em consideração que a formação do professor com relação a literatura interfere na sua forma de abordar essa temática com as suas turmas.

É primordial pensarmos sobre a nossa prática docente, mesmo com as dificuldades que nos são impostas, investigar o impacto que as práticas de leitura presentes nas escolas e a conseqüente utilização da sala de leitura de forma efetiva acarretam na formação de estudantes iniciantes para que avancemos na promoção da leitura literária como projeto de formação de cidadãos leitores.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral desse estudo é compreender como se dá o processo de estímulo à leitura literária em escolas públicas. Já os objetivos específicos são: analisar qual é o papel das salas de leitura no processo de formação de leitores nas escolas; buscar investigar de que forma os professores desenvolvem a mediação de

leitura nas escolas e conhecer como os estudantes, leitores em formação, interagem com os livros.

2. REVENDO O QUE JÁ FOI TECIDO: SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA

2.1 CONTEXTUALIZANDO O QUE FOI ESTUDADO

Ao longo do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, algumas disciplinas que cursei trataram da temática da leitura literária no ambiente escolar, entre elas destaco: Gêneros Textuais e Gêneros Discursivos, Língua Portuguesa, Literatura na escola e Literatura na formação do leitor. Ter a oportunidade de aprofundar o meu conhecimento sobre um assunto tão importante foi uma experiência muito prazerosa. Porém, não foi o suficiente. Assim, decidi dedicar o meu trabalho de conclusão de curso ao estudo e aprofundamento dessa temática.

Sempre vi a leitura literária como um elemento fundamental, não apenas para a formação da sociedade como um todo, mas sobretudo para o desenvolvimento do ser humano em si. Atualmente, temos vários meios de entretenimento e a leitura literária acaba sendo relegada a um segundo, ou terceiro, plano. Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's surgiram outras formas de se contar uma história, acredito que nenhuma delas terá o impacto que a leitura literária proporciona. A meu ver, a leitura literária nos permite entrar em um mundo próprio, conhecer contextos e personagens de forma única e aprender coisas que de outra maneira não aprenderíamos.

Dentre os promotores da leitura, além do núcleo familiar, estão os professores. Se o interesse pela leitura não é despertado em casa, este pode ser estimulado na escola. Muitos pesquisadores se dedicaram a estudar esse assunto. A seguir ressaltarei algum desses estudos.

2.2 ANALISANDO O QUE FOI ESTUDADO

Para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso, dividi o estudo sobre leitura literária na escola em três categorias, a saber: a sala de leitura, a formação do professor – leitor e as práticas de leitura na escola.

2.2.1 Sala de leitura

Zanchetta Jr. (2010) nos mostra em seu estudo, realizado em bibliotecas de 109 escolas estaduais e municipais do Oeste do Estado de São Paulo, que os responsáveis pelas bibliotecas escolares (RBE), em sua maioria, são professores e funcionários afastados de suas funções por vários motivos. Através de questionários semiestruturados respondidos pelos RBE, Zanchetta Jr. observou que mais da metade admitem não desenvolver atividades sistemáticas de fomento à leitura literária na biblioteca. Outros afirmaram desenvolver atividades relacionadas a leitura literária, como: “Hora do conto”, “Roda de Leitura”, entre outras. Segundo o autor, os RBE executam uma função mais administrativa do que mediadora. Mais da metade das escolas não tem o costume de comprar livros, porém quando isso ocorre, na maior parte dos casos, é devido a indicação dos professores. A retirada de livros é baixa em metade das bibliotecas. Na maior parte das ocasiões, os estudantes visitam a biblioteca em função da recomendação dos professores. De acordo com a maioria dos RBE entrevistados, a biblioteca é vista pelos professores como uma extensão da sala de aula, um local onde dá-se continuidade as atividades pedagógicas, e não como um ambiente separado.

Através do estudo empreendido por Zanchetta Jr. evidencia-se a importância que a biblioteca escolar tem para os profissionais envolvidos, tanto os responsáveis por esse espaço quanto os professores. Apesar disso, a falta de instrução adequada para o exercício da função ocasiona a não realização de atividades voltadas para o estímulo da leitura literária por metade dos RBE entrevistados. Considerando-se que grande parte deles possuem formação pedagógica podemos deduzir que essa não abrangeu, ou incluiu de forma reduzida, conteúdos relativos a leitura literária na escola.

Neto (2014), por meio de pesquisa de campo realizada em duas escolas do município X¹ do Estado do Rio Grande do Norte, observou que as bibliotecas e as salas de leitura não vem cumprindo o seu papel de propagar à literatura. Durante visita a escola K², Neto percebeu que o projeto de atuação da biblioteca escolar não é de fato utilizado, foi criado em 2007 por três professoras que atuavam como regentes da biblioteca naquele período. Esse projeto objetiva incentivar estudantes, professores e comunidade a realizarem leituras literárias. Dispõe como metas dar suporte aos professores e possibilitar cultura e lazer. No entanto, a atual regente o desconhecia. Além disso, Neto apontou que a presença dos estudantes na biblioteca se dá, na maior parte das vezes, em companhia dos professores e não necessariamente a atividade proposta envolve leitura literária.

Outro fator que afeta a frequência dos estudantes na biblioteca é o fato desta ficar aberta apenas durante o período da manhã. A escola Y³ possui um projeto de leitura que visa proporcionar aos estudantes oportunidades e meios de leitura literária através de estratégias de estímulo. A implantação desse projeto leva alguns professores a fazer planos de aula relacionados a leitura literária. Dessa forma, a visita a sala de leitura passa a ter um objetivo previsto. Porém, devido ao fato de uma parcela significativa de professores não aderir ao projeto, a sala de leitura é utilizada para exibição de filmes e para execução de tarefas escolares na maior parte do tempo.

Assim como Zanchetta, Neto também percebeu que as pessoas responsáveis pelos espaços de leitura escolares são professores e funcionários afastados de sua função por algum motivo. E, além disso, esses sujeitos não conhecem todo o acervo e não agem de acordo com os projetos de leitura adotados pela escola.

Não foram encontradas na minha revisão de literatura pesquisas sobre a utilização das salas de leitura no município do Rio de Janeiro. Entretanto, a Secretaria Municipal de Educação possui um documento intitulado Sala de Leitura. De acordo com esse documento, a sala de leitura no município do Rio de Janeiro surgiu em 1985 com a junção dos espaços de multimeios e das bibliotecas escolares, tendo como objetivo integrar às práticas desenvolvidas nas salas de aula,

1 Neto escolheu não divulgar o nome do município.

2 Letra atribuída por Neto à primeira escola pesquisada.

3 Letra atribuída por Neto à segunda escola pesquisada.

com base no Projeto Pedagógico de cada unidade escolar. Entende a leitura como ação que ocorre dentro e fora da escola, na qual a sala de leitura tem como propósito atingir toda a comunidade escolar, e não apenas os estudantes. Os pressupostos que norteiam o trabalho do professor regente da sala de leitura são:

- Ler o mundo/Ler a palavra (é necessário compreender as informações e estabelecer relações com a realidade vivida);
- Muitos textos/Muitas leituras (diversidade de textos e aceitação de diferentes formas de ler);
- Ler com os alunos/Ler para os alunos (inserção do aluno em situações significativas de leitura);
- Professor-leitor/Aluno-autor (o professor precisa se fazer leitor e há a necessidade de articulação entre o professor regente da sala de leitura e os demais professores);
- Viver a literatura (elaboração de diversas propostas com base nas histórias contadas);
- Ler e escrever – transitivos do verbo viver (oportunizar a elaboração de textos pelos alunos);
- Sala de leitura e sala de aula (ampliação do trabalho realizado em sala, não sua repetição);
- Sala de leitura – um convite ao leitor (a sala de leitura precisa ser um local convidativo e agradável).

Esse documento também explicita que o profissional responsável pela sala de leitura deve ser um professor regente, com experiência pedagógica, capaz de articular o Projeto Político Pedagógico, a sala de aula e as propostas de promoção da leitura literária. (SME, 2007)

Essas abordagens sobre a sala de leitura me levam a observar que teoricamente ela é utilizada de forma exemplar. É um local onde os estudantes têm acesso a diversos gêneros textuais relativos a vários assuntos, onde eles podem participar de atividades lúdicas e onde se sentem acolhidos. Todavia, ao lermos os estudos de caso realizados por Zanchetta Jr. (2010) e Neto (2014), vemos que a realidade não é exatamente essa. Apesar de ser um local no qual os professores realizam atividades literárias com as suas turmas e encorajam a ida dos estudantes,

a falta de capacitação necessária para realizar práticas de leitura literária do professor regente da sala de leitura pode acarretar uma utilização desse espaço apenas para exibição de filmes e a produção de tarefas propostas em sala de aula. Isso tende a ocorrer a meu ver devido à ausência de critérios claros e específicos para a escolha desse profissional. Dessa forma, qualquer professor da rede pública pode assumir essa função.

Penso que a falta de critérios para a escolha do professor regente da sala de leitura seja o fator responsável pelas observações de Zanchetta Jr. e Neto, como: a falta de atividades sistemáticas relativas ao fomento à leitura literária, o número baixo de retirada de livros de literatura e o não funcionamento eficaz da sala de leitura.

Embora esses estudos não tenham sido realizados no Município do Rio de Janeiro, creio que o enfoque proposto por Zanchetta Jr. e Neto se aproxima do observado em algumas escolas da nossa rede pública municipal.

Outro fator relevante provavelmente seja a falta de um investimento na formação do estudante-professor para qualificar-se como mediador de leitura. Abordarei esse aspecto a seguir.

2.2.2 Formação do professor – leitor

Ferreiro (2001) afirma que a escola deveria disponibilizar aos estudantes o saber acumulado pela humanidade, porém o professor permanece sendo o detentor exclusivo do saber, sendo, até mesmo, o responsável pelo momento em que o livro de literatura será utilizado. A rotina escolar, muitas vezes, não leva em consideração os livros e as bibliotecas. Para Ferreiro, o professor não está apto para lidar com vários livros, e sim com um, o livro didático, que ele didatiza à sua vontade. Em sua hipótese, isso acontece porque, provavelmente, o livro não entrou no processo de formação do professor. Por esse motivo, o livro possivelmente ainda não ganhou espaço no ambiente escolar. Ferreiro ressalta que a escola prioriza aqueles livros que, apesar de não serem didáticos, podem ser utilizados didaticamente, sendo controlados pelo professor. Esse controle ocorre quando o professor se sente na obrigação de ler todo livro literário disponibilizado pela escola, o que seria inviável

com a sua jornada atual de trabalho. Portanto, ele não sabe agir frente a uma grande quantidade de livros, pois não consegue controlar todo o seu conteúdo. Outra questão considerada por Ferreiro, é que cada criança se interessa de forma diferente por um mesmo livro. A padronização do livro de literatura, através dos livros didáticos, para a autora, é também a tentativa de padronizar os estudantes, todos tem que agir e pensar de determinada forma.

Neitzel, Bridon e Weiss (2016) analisaram, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), como de forma mediada pode-se introduzir à literatura em sala de aula. Através desse estudo verificou-se que substituir textos longos por leituras mais curtas ou fragmentos de textos não forma leitores. Os estudantes precisam ler todo tipo de texto, sejam eles simples ou complexos. Ademais, a utilização do texto literário não pode se ater tão somente à análise linguística. Para que se forme leitores é necessário que se conviva constantemente com textos que despertem o interesse dos estudantes.

A concepção de leitor que o estudo apresenta, não é a de leitor funcional, que lê apenas durante a sua vida acadêmica e profissional, mas um leitor capaz de utilizar sua inteligência e emoções durante a leitura de um texto. Para isso, é preciso apresentar textos que possibilitem ao leitor estimá-lo. Penso que é necessário levarmos em consideração qual a nossa colaboração e o nosso papel ao focalizarmos a mediação.

Durante o PIBID de Letras na educação básica, foram desenvolvidas atividades em duas escolas de Itajaí/SC. A dinâmica foi organizada pelos bolsistas, cujo tema era literatura brasileira contemporânea. Foram disponibilizados livros para que os estudantes escolhessem em cinco minutos e realizassem a leitura em quinze minutos. Depois, convidaram a turma para dialogar sobre o que foi lido, se foi do seu agrado e se pretendiam continuar a leitura. Além dessa atividade, efetuaram leituras coletivas de determinadas obras.

Silva (2009) afirma que existem vários motivos para os professores não serem leitores, ou lerem pouco, dentre eles: a rápida formação, a redução das condições de trabalho e o baixo salário. A dependência de livros didáticos, a desatualização, as escassas capacidades de leitura são algumas das consequências dessa realidade.

Apoiando-se nas obras de Antonio Nóvoa, Silva discorre sobre três aspectos da vida do professor relacionando-os com a prática de leitura literária – o professor como pessoa, o professor enquanto profissional e o professor inserido no ambiente escolar. Da mesma maneira que todo ser humano, o professor passa por vários estágios de desenvolvimento como leitor que estão associados a diversas instituições sociais. Assim sendo, suas vivências como leitor estabelecem uma memória própria de leitura. Essa vivência embasará sua formação como professor e sua atuação em sala de aula de maneira que disponha de meios de estimular à leitura literária dos seus estudantes.

No desempenho da docência, o professor se vê imerso em textos, literários ou não. Estes são os textos da área pedagógica lidos até o momento que lhe permitem atuar como professor, aqueles que ele precisa ler para mediar o ensino dos conteúdos que ensina e as atividades realizadas pelos estudantes que são avaliadas por ele. Sua presença como profissional no ambiente escolar também lhe proporciona participar da elaboração coletiva do Projeto Político Pedagógico – PPP – da escola em que atua e planejar suas aulas em conjunto com os demais profissionais dessa escola.

Além disso, Silva nos mostra os resultados da pesquisa que realizou com os professores do ensino fundamental que participaram do Projeto Teia do Saber⁴. Segundo essa pesquisa, os professores leem mais durante a faixa etária de 18 à 40 anos, isto equivale ao seu período de formação profissional, tanto que muitos entrevistados declararam ser essas leituras influência dos seus professores de cursos de atualização. A maioria dos entrevistados declararam ler para se informar e aprender, poucos relacionaram a leitura ao lazer. Dentre os materiais de leitura, os que surgiram em maior número foram os livros didáticos, dicionários e revistas.

Através desses dados, considero que os professores leem em função da sua profissão e não por gosto pessoal, conseqüentemente, o fluxo de leitura aumenta durante o período de tempo em que ocorre a sua formação profissional. Outro motivo da baixa frequência de leitura após os 40 anos pode ser o próprio exercício da função. Se o professor precisa ser um leitor para promover a leitura dos seus estudantes, ele necessita primeiramente impulsionar a sua leitura literária durante o

4 Projeto oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e organizado pela Secretaria de Educação.

seu período de formação para que assim possa estimular no futuro os seus estudantes.

Acredito que, embora aparentemente Ferreiro (2001), Neitzel, Bridon e Weiss (2016) e Silva (2009) estejam falando sobre aspectos diferentes da formação do professor – leitor, eles se complementam. Ferreiro nos apresenta a dificuldade que os professores têm de lidar com vários livros, principalmente livros literários. Neitzel, Bridon e Weiss, abordam a questão da necessidade de não se fragmentar o texto literário. Já Silva, apresenta o professor como leitor em âmbito pessoal, profissional e organizacional. Apesar disso, também nos revela que o professor não tem o costume de ler por prazer. Os três discorrem sobre a melhor forma de inserir o texto literário no ambiente escolar e o papel que o professor exerce durante essa inserção, tanto de forma positiva quanto de forma negativa.

2.2.3 Práticas de leitura na escola

Lajolo (2000) afirma que a questão sobre o que fazer com o texto literário em sala de aula necessita basear-se em um conceito de literatura, o que, muitas vezes, não é levado em consideração pelos professores, que declaram a evidente falta de interesse dos estudantes pela leitura literária. Ao discutir a presença da literatura na escola, muitos professores referem-se a leitura literária como algo obrigatório, que deve ser exigido e cobrado do estudante. Por outro lado, eles têm opinado cada vez menos sobre o papel do texto literário na sala de aula, visto que, as editoras, através dos livros didáticos, monopolizam cada vez mais o que é relevante e suficiente para ser abordado com os estudantes.

Levando isso em consideração, deduzo que o caráter obrigatório da leitura literária na escola e a não utilização do livro literário em si nas salas de aula são os reais motivos da pouca importância que os estudantes demonstram pela literatura.

De acordo com Lajolo, a simples inclusão da literatura infantil-juvenil nos currículos dos cursos de formação de professores não solucionará todos os problemas relativos a leitura literária no Brasil, mas dará base para que os professores tenham maiores condições de incluir o livro em suas aulas.

Silva (2003), assim como Lajolo, afirma que a formação básica dos educadores é precária no que diz respeito a leitura literária na escola. A leitura é tratada de forma superficial, ou até mesmo esquecida, nos cursos de magistério e nos cursos de graduação e licenciatura, o que faz com que os professores não se sintam devidamente capazes de planejar, organizar e implementar programas de leitura para as suas turmas. Sem o preparo adequado, eles acabam baseando-se apenas no livro didático, imitando outros professores ou inserindo a leitura literária em sala de aula sem nenhuma fundamentação teórica. Dessa forma, a leitura literária no ambiente escolar torna-se algo inconsistente e sem sentido, gerando estudantes distanciados dos livros literários.

Percebo que a formação do professor dos anos iniciais com relação a língua portuguesa e a literatura, assim como outras áreas de estudo, é básica. Não há como se aprofundar nos textos literários de forma a se apropriar deles, como sugere Lajolo para os professores de Língua Portuguesa, principalmente devido ao tempo pretendido de formação e também ao grande número de áreas que precisam ser estudadas. Então, o professor acaba tendo que buscar esse conhecimento fora da Universidade ou do curso de magistério.

Ao constatar que a Literatura só entra no currículo de nível básico durante o Ensino Médio, vejo que é de grande importância que o professor dos anos iniciais esteja capacitado minimamente para exercer o seu papel de mediador de leitura.

Yunes, Versiani e Carvalho (2012) declaram que todos os espaços da escola podem ser aproveitados como locais de leitura. Além do mais, pode-se utilizar as paredes da escola para se afixar diferentes textos, criar uma estante de livros na sala de aula e implementar diversas atividades, como: recontação das histórias lidas pela turma e debate posterior. Essas dinâmicas não precisam ser avaliadas formalmente, apenas ter o intuito de estabelecer um vínculo com a literatura e um momento de descontração. Esse tópico está intimamente interligado com o anterior, pois a forma que a leitura literária será abordada em sala de aula depende muito da formação que o professor teve. Tanto o seu grande apreço pela literatura, quanto o seu baixo apreço, podem prejudicar a vida literária dos estudantes. O primeiro por tornar a leitura uma tarefa enfadonha e o segundo por impossibilitar que o professor

vá além do que é sugerido pelos livros didáticos, como abordam Ferreiro (2001), Lajolo (2000) e Silva (2003).

Penso que a leitura literária nas escolas ainda serve, na maior parte dos casos, de apoio para o ensino da Língua Portuguesa e limita-se tão somente ao espaço da sala de aula. Isso se deve, muitas vezes, ao despreparo do professor com relação ao texto literário, ou por não se considerar um leitor literário, e pela necessidade de se ensinar apenas aquilo que é exigido pelo currículo escolar.

Acredito que a formação insatisfatória do professor no que diz respeito a leitura literária é um dos principais motivos dela ser utilizada apenas para ensinar-se a Língua Portuguesa. Devido a essa insegurança na utilização dos textos literários, os professores acabam lidando com ele de forma “engessada”, sem permitir que os estudantes expressem suas interpretações, ou nem mesmo incluem a leitura literária em suas aulas, contentando-se com os trechos literários presentes no livro didático. Nenhum desses posicionamentos contribuem para que os estudantes tenham uma experiência positiva com a leitura literária. Como indicam Yunes, Versiani e Carvalho (2012), o melhor seria que todo o ambiente escolar fosse propício para a leitura de textos literários. Dessa maneira, os estudantes não se sentiriam obrigados a ler, no entanto, leriam apenas quando quisessem.

3. DESCOBRINDO NA ESCOLA UM MUNDO A SER ENTRETECIDO

3.1 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Durante o período de julho de 2015 a dezembro de 2016, atuei como mediadora de uma criança autista em uma escola municipal, localizada no bairro de Botafogo. Essa escola abrange da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. Porém, excepcionalmente, no ano de 2016 também foi ofertado o 6º ano de forma experimental.

Ao longo do meu estágio, tive a chance de acompanhar a turma do 5º ano matutino, de julho de 2015 a dezembro de 2015, e a turma do 6º ano experimental matutino, de março de 2016 a dezembro de 2016. Embora tenha estagiado nessas duas turmas, apenas considerarei no presente trabalho a turma de 6º ano.

A escola estudada está localizada em uma rua residencial, ao lado de outra escola municipal que abrange do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O prédio está situado em um pequeno terreno, que possui um pátio na entrada, onde são hasteadas as bandeiras do Brasil e do estado do Rio de Janeiro e são reunidos os estudantes para cantarem o hino nacional. Dispõe, também, de um pátio na sua parte posterior, onde os estudantes passam o período do recreio.

O edifício possui quatro andares. O primeiro é composto pela secretaria, sala da direção, sala dos professores, refeitório, cozinha, banheiros e sala de dispensa. O segundo abrange duas salas de aula, sala de leitura, duas salas de recursos multifuncionais, sala da educação especial e banheiros. O terceiro compreende cinco salas de aulas, sala de música e banheiros e, por fim, o quarto possui um espaço livre, sala dos equipamentos de educação física, banheiro e sala de psicomotricidade.

3.2 ANALISANDO A REALIDADE OBSERVADA

Dividirei as experiências observadas e registradas em meu diário de campo no ambiente escolar focalizando os mesmos tópicos apresentados no primeiro capítulo: a sala de leitura, a formação do professor leitor e as práticas de leitura na escola.

3.2.1 Sala de leitura

A sala de leitura da escola observada possui um bom acervo de livros – distribuídos em dez estantes –, dois computadores, uma televisão, um aparelho de DVD e um aparelho de som. As estantes ocupam o espaço da parede dos fundos, da frente e do lado direito. Uma mesa contendo diversos livros fica na parte de trás da sala, em frente a essa mesa, ficam organizadas quatro fileiras de cadeiras. Três mesas infantis – cada uma contendo quatro cadeiras – localizam-se na parte da frente da sala. A televisão, o aparelho de DVD e duas caixas de som estão situados em cima de três estantes de concreto, também na parte dianteira da sala. Na parede lateral do lado esquerdo, encontra-se um lavatório, dois computadores e uma mesa pequena contendo livros e o aparelho de som.

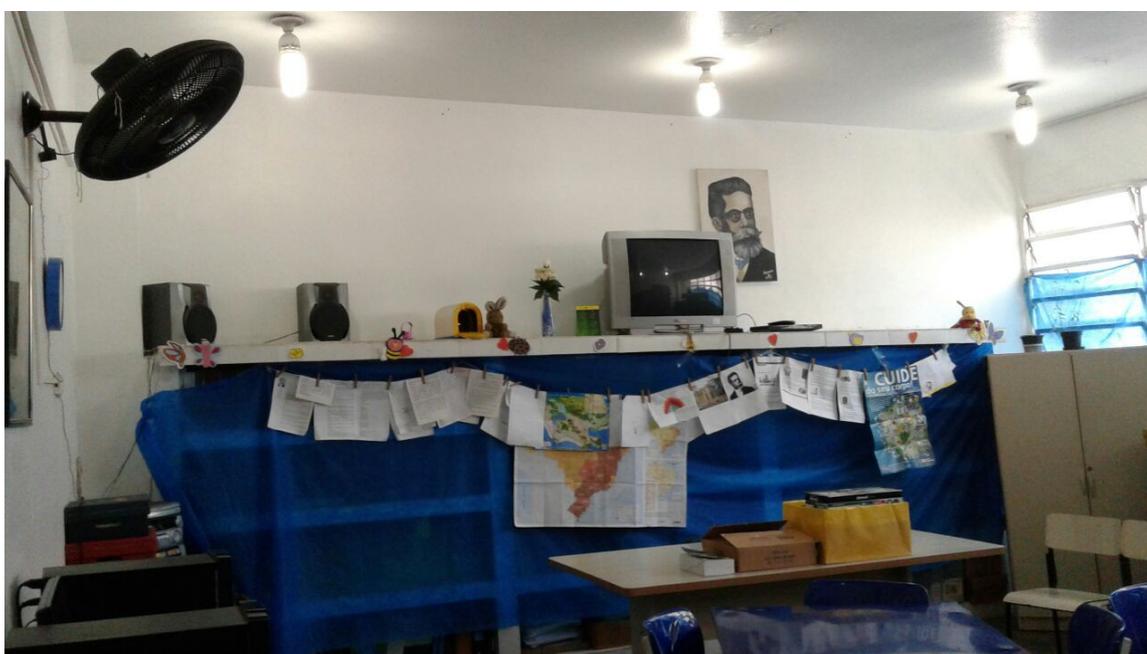
Figura 1 – Foto parte da frente da sala de leitura



Fonte: Arquivo Pessoal

No decorrer do estágio, presenciei algumas atividades relacionadas a leitura literária ocorridas nesse espaço. A cada semana, as turmas eram conduzidas até a sala de leitura para que os estudantes entregassem os livros que tinham levado para casa, junto com a resenha escrita, que consiste em um breve resumo da história e a sua opinião sobre o livro lido, e escolhessem uma nova leitura, o que garantia o empréstimo constante de livros.

Figura 2 - Foto parte da frente da sala de leitura



Fonte: Arquivo Pessoal

Certa manhã, presenciei esse processo de devolução. A professora regente da sala de leitura organizou as cadeiras, que geralmente ficavam em fileiras, em um círculo. Em seguida, propôs uma atividade na qual cada estudante deveria expor o livro lido ao longo da semana, podendo basear-se na sua resenha.

A escolha da sequência de apresentação ficou a cargo da turma. A primeira estudante a se voluntariar apresentou o livro *Fala sério, amor!*⁵, disse ter gostado da leitura e leu um trecho para o grupo. Ocorreram algumas conversas paralelas durante esse relato, o que levou a professora a escolher quem se apresentaria em seguida. O próximo estudante a comentar sobre a leitura literária realizada durante a semana alegou ter escolhido um gibi devido a rapidez da leitura e a quantidade de

5 REBOUÇAS, Thalita. *Fala sério, amor!* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

imagens. Então, foi questionado pela professora sobre sua decisão: *foi motivada pelo gosto pelas histórias em quadrinhos ou vontade de acabar a leitura mais rápido?* Ele afirmou gostar de gibis e não dispor de muito tempo para a leitura, devido a um curso realizado no período da tarde. Outros estudantes também apresentaram suas opiniões sobre suas escolhas de leitura. Destaquei essas duas falas devido as suas diferenças. Yunes, Versiani e Carvalho (2012) ao discorrerem sobre as disparidades de leitura existentes afirmam: “(...) na prática ler é uma ação realizada sempre por alguém com gostos e hábitos específicos. De maneiras específicas. Em lugares e circunstâncias específicas. Circunstâncias únicas que jamais se repetem.” (p. 152)

Assim como Yunes, Versiani e Carvalho, considero a leitura uma atividade realizada por pessoas singulares, com expectativas diferenciadas e com vivências distintas. Conseqüentemente, não cabe comparar essas leituras. Cultivar o hábito da leitura já é um bem em si mesmo. Como professores, precisamos compreender essas singularidades, oferecendo oportunidades para que os estudantes leiam o que for do seu agrado e ajuste-se ao seu cotidiano.

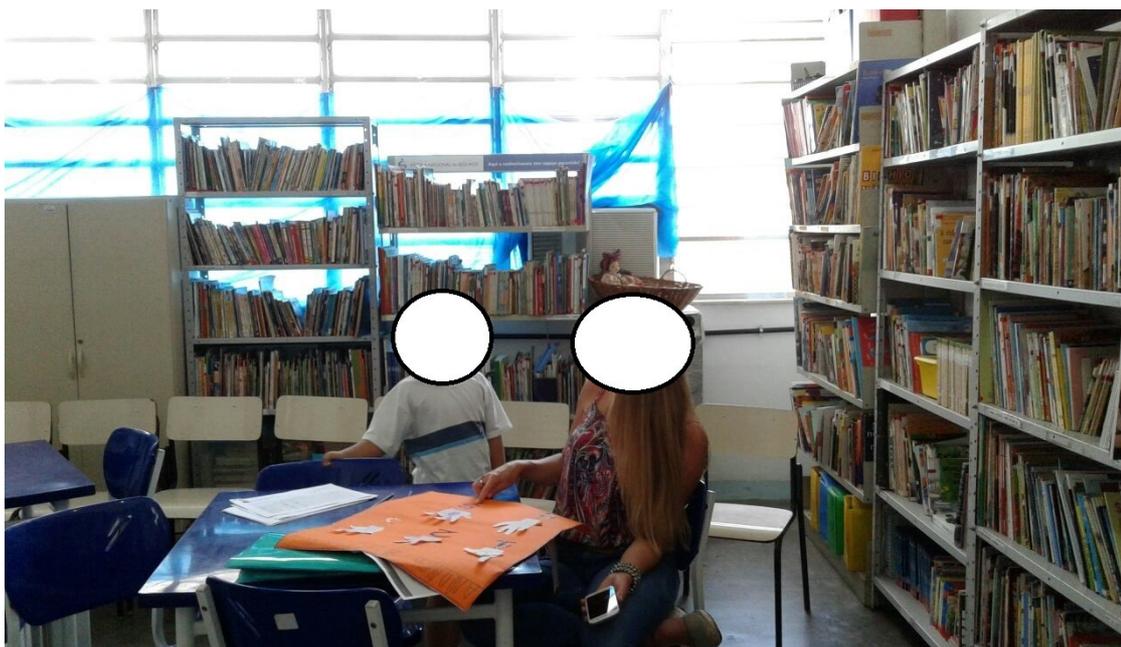
Figura 3 – Foto parede lateral direita da sala de leitura



Fonte: Arquivo Pessoal

A meu ver, a organização das cadeiras em círculo, pela professora, favoreceu a ideia de igualdade entre todos e atribuiu aos estudantes um protagonismo na apropriação da leitura. A sua mediação foi de extrema relevância, pois, de outro modo, alguns deles não fariam sobre os livros literários lidos e não elaborariam seus pensamentos. Além do que, o ambiente literário agradável, proporcionado pela sua intervenção, possibilitou que se sentissem confortáveis para expressar suas opiniões sobre os livros lidos e questionarem aspectos dos lidos pelos demais. Concomitantemente, essa mediação proporcionou que um grande interesse pelos livros apresentados surgisse, tanto que alguns livros foram trocados entre eles ao final da atividade.

Figura 4 – Foto parte de trás da sala de leitura



Fonte: Arquivo Pessoal

Mesmo que os estudantes já tivessem o hábito de escrever sobre o que tinham lido, esses escritos não eram compartilhados entre eles. Contudo, tinham o costume de indicar os livros entre si, mas de forma menos abrangente e efetiva no que se refere ao estímulo à leitura literária.

No tempo em que permaneci nesse estágio, notei que a professora regente da sala de leitura solicitava a opinião dos outros professores antes de comprar algum

livro novo para o acervo da escola. Ela, também, conhecia todos os livros presentes naquele espaço. Assim como identificado nos estudos de Zanchetta Jr. (2010)⁶ e Neto (2014)⁷, ela é uma docente afastada das salas de aula.

A sala de leitura é um local onde os estudantes se sentem acolhidos e está fortemente associada ao lazer, pelo que observei no decorrer do meu estágio. As crianças mais novas eram as que mais se divertiam no momento da contação de histórias, o que eu percebia nas ocasiões em que o 6º ano dividia a sala de leitura com o 1º ano. Essa atividade, normalmente, era feita pela professora regente da sala de leitura. Ela posicionava-se de pé na frente da sala, enquanto os estudantes sentavam-se em cadeiras ordenadas em fileiras, não era possível a organização em roda devido ao grande número de pessoas na sala. Ao iniciar a contação, ela exibia o livro referente a história a ser contada e prosseguia relatando a mesma, sem utilizar-se do exemplar.

Figura 5 – Foto parte de trás da sala de leitura



Fonte: Arquivo Pessoal

6 “A biblioteca, ao menos em termos de administração escolar, é uma estrutura para alocação de professores (65%) que estão fora de sala de aula.” Zanchetta (2010, p.14)

7 “Foram, em sua maioria, retiradas de secretarias, salas de aula, cozinha e daí por diante e, colocadas na sala de leitura/biblioteca.” Neto (2014, p. 8)

Um ponto negativo sobre a utilização da sala de leitura é o fato dela não ser aberta durante todo o período escolar. Sua abertura no turno da manhã acontecia apenas em dias específicos da semana ou de acordo com a solicitação de algum professor. Indo em sentido contrário ao que aponta o documento da Secretaria Municipal de Educação: “O acesso aos acervos disponíveis, bem como ao espaço da Sala de Leitura, é um direito de toda a comunidade escolar e precisa ser planejado de modo que as atividades não se limitem a uma grade de horários que escolarize a hora da leitura.” (SME, 2007, p.24)

O papel do professor da sala de leitura como mediador de leitura literária é de extrema importância para que surja entre os estudantes o interesse pela leitura e as trocas literárias aconteçam. Concordo com o que se declara no documento relativo a sala de leitura: “(...) a mediação do professor poderá favorecer o encontro dos alunos com diversos textos, de modo que possam, a partir deste exercício, selecionar o que, como, por que e quando querem ler.” (SME, 2007, p.13)

Além do professor mediador da sala de leitura, o professor regente da turma também atua como intermediário entre o estudante e o livro, como veremos a seguir.

3.2.2 Formação do professor-leitor

Ao observar as aulas da turma de 6º ano, presenciei algumas conversas sobre leitura literária entre a professora e os estudantes. A maioria da turma levava os livros que estava lendo para a escola devido à liberdade que a professora oferecia para os manusearem em sala de aula. Eu os via sobre as carteiras mesmo que não estivessem sendo lidos naquele momento. A presença tão acentuada de livros naquele espaço condiz com a seguinte afirmação de Ferreiro (2001, p.109): “Deixe que leiam, não importa quando, que levem os livros para casa, que os vejam no recreio.”

A professora se interessava em saber o que os estudantes estavam lendo e se a leitura estava sendo prazerosa. Eles, por sua vez, também tinham curiosidade sobre o que ela lia no momento, de tal forma que, algumas vezes, pediam que levasse esses livros para escola, para que pudessem vê-los.

Essa partilha entre estudantes e professora acerca das suas vivências literárias condiz com a seguinte questão destacada por Silva (2003, p. 27): “(...) que eles possam dar os seus testemunhos de leitor aos alunos que têm pela frente nas salas de aula. Professor é, sim, um espelho de leitura, ou pelo menos deveria ser.”

A turma confeccionou uma caixa na qual colocaram os livros que trouxeram de casa para comporem o acervo da sala de aula. Deste modo, eles teriam algo para ler nos tempos livres, se quisessem. Além disso, a professora os encorajava a aproveitarem mais a sala de leitura e a pesquisarem o seu acervo. Ela não os acompanhava regularmente a sala de leitura em consequência da sua necessidade de utilizar-se desse tempo para fazer o planejamento das aulas. Em virtude do 6º ano ser uma turma experimental e ela não possuir formação para lecionar nesse ano, preparar as aulas demandava muito mais tempo.

Neitzel, Bridon e Weiss (2016), baseando-se em Calvino, declaram que: “A história de um sujeito leitor começa a ser construída desde seu nascimento, mas é na escola que essa relação vai se aprofundar – todas as experiências vividas com a literatura em sala de aula vão influenciar o indivíduo positiva ou negativamente.” (p.2). Seguindo a perspectiva apontada pelos autores, penso que o posicionamento da professora frente a leitura literária influenciou positivamente os estudantes, de forma a levá-los a lerem com maior regularidade. Afirmo isso porque acompanhei esses estudantes, com exceção de alguns, no ano anterior com a professora regente do 5º ano e observei essa transição ocorrer gradualmente após o início da mediação de leitura proposta pela professora do 6º ano.

A meu ver, não basta ser um leitor e incentivar que os estudantes acessem o acervo de livros da escola, o professor precisa propor práticas diferenciadas visando estimular à leitura literária, como veremos no próximo tópico.

3.2.3 Práticas de leitura na escola

Os livros *O diário de Anne Frank*⁸ e *A esquadra amiga*⁹ foram lidos por toda a turma do 6º ano, cada um deles em um bimestre. Enquanto a leitura de *O diário de*

8 FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record, 2003.

9 PRADO, Ricardo. *A esquadra amiga*. Rio de Janeiro. Ed.da Ponte, 2015.

Anne Frank foi realizada em sala de aula, *A esquadra amiga* foi entregue aos estudantes para que lessem em casa.

Essas práticas de leitura literária ocorreram sem nenhum plano de avaliação formal, apenas com o objetivo de aproximar o estudante do texto literário e estabelecer um momento de reflexão conjunta.

A leitura em grupo de *O diário de Anne Frank* foi feita durante todos os dias ao longo de um bimestre. Aqueles que queriam ler oralmente para a turma, liam um parágrafo cada. Ao total, eram lidas cerca de cinco páginas por dia. Posteriormente, era realizado um debate sobre o que tinha sido lido naquele dia.

No decorrer dessas conversas, ouvi muitos cometários que revelavam a identificação de alguns estudantes com as situações vividas por Anne Frank, especialmente aquelas relativas a sua relação com os seus familiares, amigos e professores. Continuamente, eles queriam prosseguir a discussão mesmo após a hora da saída, visto que essa era a última atividade do dia. Esse sentimento de identificação e essa vontade de permanecer debatendo a história, manifestada por esses estudantes, refletem a seguinte proposição de Lajolo (2000, p. 75): “ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.”

O livro *A esquadra amiga* foi recebido por eles antes do começo do bimestre em que ocorreria a leitura. Antes de iniciar-se a leitura desse livro, a professora sofreu um acidente na escola e ficou afastada devido à licença médica por um mês. Ao regressar a escola, precisou dar prioridade a outros conteúdos propostos no currículo escolar, porém sempre lhes perguntava sobre a leitura deles e lhes contava como havia sido a sua. Os estudantes e a professora tiveram dois meses para finalizarem a leitura e um debate sobre a narrativa foi realizado após esse tempo.

Ressalto que a conduta da professora do 6º ano é inspiradora, ainda mais se analisarmos as condições em que se deram. A preparação das aulas dessa turma, por ser uma turma de 6º ano experimental – ano pertencente ao segundo ciclo do Ensino Fundamental – estava sendo um desafio para ela, pois não tinha nenhuma formação acadêmica para lecionar nesse ciclo, apenas possuía formação para atuar nos anos iniciais, o que a levava a ter que investir muito mais tempo do que o normal em seu planejamento. Além do que, ainda precisava planejar as aulas do 5º ano,

turma para qual lecionava no período da tarde. Contudo, todo esse esforço valeu a pena considerando-se que o 6º ano saiu de suas aulas com maior interesse pela leitura de livros literários.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIGANDO O TECIDO COM O ENTRETECIDO NAS ESCOLAS

Ao final desse estudo, posso afirmar que a sala de leitura das Escolas Municipais do Rio de Janeiro são de grande importância para que se estimule à leitura literária dos estudantes. Apesar disso, não basta a escola possuir uma sala de leitura bem equipada, com um acervo literário diversificado e de qualidade, é preciso também que o profissional responsável por ela possua: “experiência pedagógica para articular todo trabalho de promoção da leitura ao Projeto Político Pedagógico da escola e à sala de aula.” (SME, 2007, p.23).

Paralelamente, para que esse profissional seja capaz de cumprir com o que lhe é designado, é necessário que sejam incluídas disciplinas relacionadas a leitura literária nos currículos de formação dos cursos de Pedagogia e nas licenciaturas das Universidades, e nos de formação de professores, do curso normal. Além do mais, é importante que esse professor em formação seja estimulado a se tornar um leitor literário. Apenas dessa forma, ele será capaz de se tornar um “espelho de leitura” (Silva, 2003) para os seus estudantes.

Através do meu estágio em uma escola municipal pude perceber que o estímulo à leitura literária se dá graças ao empenho das profissionais que ali atuam, professora regente da sala de leitura e professora responsável pela turma. Não obstante, o não funcionamento da sala de leitura durante todo o período escolar e a desvalorização da literatura em comparação com as outras disciplinas do currículo estudantil são fatores limitantes desse processo. Embora a professora da turma que acompanhei tenha planejado as suas aulas de forma que a leitura literária estivesse presente no cotidiano da turma, as atividades relacionadas a literatura foram as primeiras a serem reduzidas após o seu retorno de uma licença médica, pois os conteúdos acumulados das outras disciplinas precisavam ser dados.

Também observei, durante o meu estágio, que tanto a professora da sala de leitura quanto a professora regente da turma realizavam atividades diferenciadas relativas a leitura literária, dentre elas: debates sobre os livros lidos, contação de histórias, leitura conjunta e leitura individual de um mesmo livro, com debate

posterior. Todas essas atividades acabaram ocasionando uma relação de proximidade com os livros literários, demonstrada pela turma analisada.

Enfim, compreendi que ser um mediador de leitura não é uma das tarefas mais fáceis, é necessário tempo, dedicação, empenho e, muitas vezes, elaborar alternativas para que não se deixe de realizar atividades literárias devido aos contratempos do dia a dia. O incentivo à leitura literária não será eficaz se ocorrer de forma esporádica, é necessário um planejamento prévio que abarque todo o ano letivo. Além de que, o professor precisa ser um leitor literário e ter capacidade para modificar o planejado se necessário, como ocorreu com a professora da turma analisada quando precisou ser afastada por causa de um acidente. Ela teve que trocar as leituras em conjunto por leituras individuais, apesar disso não deixou de implementar atividades literárias. Porém, ainda assim, é muito satisfatório ao final de um ano letivo constatar que todo esse esforço, ocasionado pelos obstáculos que se encontra pelo caminho, gerou resultados, como verificado na escola observada.

REFERÊNCIA

FERREIRO, Emilia. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2000.

NEITZEL, Adair de Aguiar; BRIDON, Janete; WEISS, Cláudia Suéli. **Mediações em leitura: encontros na sala de aula**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.97, n.246, p.305-322, maio/agosto. 2016.

NETO, Antonio Aldair. **Bibliotecas e salas de leitura nas escolas: Um estudo sobre o papel e atuação na formação de leitores**. In: V Semana de Estudos, Teorias e Práticas Educativas, V SETEPE, 2014, Pau dos Ferros. Anais V SETEPE. Campina Grande: Editora Realize, 2014.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: Sala de Leitura**. 2.ed. Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura – Trilogia Pedagógica**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O professor leitor. In: SANTOS, Fabiano; NETO, José Castilho Marques; Rösing, Tânia M. K. (org.) **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. 1.ed. São Paulo: Global, 2009.

YUNES, Eliana; VERSIANI, Daniela Beccaccia; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ZANCHETTA Jr., Juvenal. **Apontamentos sobre bibliotecas de escolas públicas do Oeste Paulista**. Leitura. Teoria & Prática, Campinas, v.27, n.54, p.13-19, 2010.